

“O PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA” COMO APORTE METODOLÓGICO DESCOLONIZADOR PARA A SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Josiara Gurgel Tavares (UNESA)¹

josi_iara@hotmail.com

Ana Maria Gonçalves de Sousa(UFC)²

anagoncalvesufc@gmail.com

RESUMO

A consolidação do pensamento científico ocorreu século XVII, quando as sociedades ocidentais europeias passaram a privilegiar epistemologicamente a forma de conhecimento que designamos por ciência moderna (Santos, 2004). A partir de então, essa ciência concentrou em suas mãos o monopólio legítimo da verdade e todo e qualquer conhecimento produzido fora do seu cânone, passou a ser desconsiderado. Dessa forma, a dominação colonial do Norte produziu além da separação e a classificação entre os saberes, a hierarquização entre culturas e povos e essa lógica ainda circula, de maneira hegemônica, em distintos espaços de saber e currículos escolares produzindo ideologias individualistas, racistas e ausência de humanidade. Este trabalho objetiva apresentar a obra “O perigo de uma história única”, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019), como aporte metodológico para a Sociologia na educação básica, por sua potencialidade em problematizar a “história única” forjada pelo projeto moderno-ocidental-europeu que marginaliza vozes e vivências de regiões e povos subalternizados pela história oficial. Como metodologia, recorreremos à pesquisa bibliográfica fundamentada, principalmente, em Chimamanda Adichie (2019); Walter Dignolo (2004; 2008) e Nilma Gomes (2007; 2021). Os resultados apontam para importância das produções contra-hegemônicas para o ensino de Sociologia, como recursos para perceber como a matriz colonial de poder afetou e segue afetando as dimensões existenciais de povos subalternizados como negros e indígenas, entre outros, assim como para contribuir com o processo de descolonização do ensino da Sociologia, romper com pressupostos eurocêntricos na produção do saber, desconstruir e reconstruir saberes pela perspectiva da valorização das existências e das diferenças culturais.

Palavras-chave: Sociologia; Educação Básica; Eurocentrismo; Descolonização; Aporte Metodológico.

1 INTRODUÇÃO

¹ Doutoranda em Educação (UNESA). Mestre em Humanidades (UNILAB). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8804694878658445>

² Doutoranda em Sociologia (UFC). Mestre em Sociologia (UFC) Lattes: <https://lattes.cnpq.br/10729994543756495>

A consolidação da ciência moderna-ocidental ocorreu no século XVII e sua racionalidade científica passou a se apresentar como modelo global que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento não pautadas em seus princípios epistemológicos e metodológicos (Santos, 2004). Ou seja, conhecimentos dos povos negro e indígena, entre outros, foram subalternizados, invisibilizados, negados pela narrativa oficial europeia.

A Sociologia, enquanto ciência moderna surgida em contexto europeu no século XIX sob influência das ideias positivistas, ainda reproduz essa racionalidade e seus efeitos são visíveis nos apagamentos históricos e epistemológicos dos currículos e práticas da educação básica que “só serão superados se o campo educacional e a produção científica compreenderem-se como espaços que precisam descolonizar-se” (Gomes, 2021, p. 435). Destacamos como importante nesse processo, o exercício de estranhamento e desnaturalização, próprios da Sociologia, em que a partir do qual “fenômenos aparentemente evidentes revelam dúvidas, contradições, desmandos e arbitrariedades em sua composição” (Moraes, 2010, p. 48).

Intencionamos neste trabalho apresentar a literatura contra-hegemônica - entendida como questionadora das produções eurocêntricas - através da obra “O perigo de uma história única” da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019), como opção metodológica para a Sociologia na Educação Básica.

2 METODOLOGIA

A metodologia que resulta este trabalho é do tipo exploratória, de natureza qualitativa e baseia-se em pesquisa bibliográfica, fundamentada, principalmente, em Chimamanda Adichie (2019); Walter Mignolo (2004; 2008) e Nilma Gomes (2007; 2021).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 A relação entre Ciência, Modernidade e Colonialidade

É indiscutível o poder da ciência na construção das sociedades e suas visões de mundo. Não à toa, a ciência moderna integrou projetos de dominação colonial nas Américas e em outros continentes. Conforme Silvio Almeida (2019), “a ciência tem o poder de produzir discursos de autoridade com poucas possibilidades de contestação [...] por isso, não se pode desprezar a importância dos filósofos e cientistas para a construção do colonialismo, do nazismo e do

Apartheid [...]” (Almeida, 2019, p.45). Assim, o colonialismo do século XVI, ao qual fomos submetidos, envolveu ciência como mecanismo de dominação e poder e “as consequências práticas das realizações científicas e a ideologia que as acompanha são hoje visíveis por todo lado, desde o extermínio da natureza até à marginalização e extermínio dos seres humanos (Mignolo, 2004, p. 677). A partir de uma lógica etnocêntrica, a Europa exporta suas visões “universais” e uma negação daqueles que denomina “os outros”.

Como enxergar os efeitos produzidos pelo pensamento eurocêntrico, ou seja, pela relação entre ciência e colonialidade na Sociologia da educação básica? A proposta é fundamentar-nos em perspectivas epistêmicas que “exercite um pensar a partir de uma exterioridade subalterna, ou seja, de línguas, de corpos, de lugares e de categorias de pensamento não incluídas nos fundamentos dos pensamento ocidental” (Mignolo, 2008, p.304), perspectiva presente nas visões de pensadores africanos e críticos do sul global.

Concordamos que a diversidade tem sido tratada na escola de maneira desigual e naturalizada e “quando a educação insiste em reforçar a ideia de civilização como algo próprio do mundo ocidental [...] ela atua de forma excludente e violenta. E ao fazer isso, organiza-se, reproduz e perpetua a colonialidade” (Gomes, 2021, p. 436). Entender essa lógica é o princípio organizador do processo de descolonização da educação, dos seus currículos e das suas práticas.

3.2 “O perigo de uma história única” como aporte metodológico para a Sociologia

A obra “O perigo de uma história única” da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019) apresenta, certamente, em seu núcleo central a ideia de que a “história única” pode criar estereótipos, negar a complexidade do mundo, gerar preconceitos e lacunas à dignidade dos indivíduos e aponta para a importância da análise das estruturas de poder, que determinam quais histórias são contadas.

O termo em igbo *nkali* — “ser maior do que o outro” — explica que as histórias são definidas por princípios de poder: quem as conta, como são contadas, quando são contadas e quantas são contadas (Adichie, 2019, p.7). Neste sentido, a aplicação metodológica da obra supracitada abre caminhos para abordar temas históricos e sociológicos, questionando: “Quem

detém o poder nesta narrativa?” e “Quais vozes foram silenciadas para que esta versão se tornasse a definitiva?”.

Uma das proposições metodológicas mais valiosas do texto é a percepção de que o lugar onde uma história começa, altera completamente o seu significado. Adichie (2019) exemplifica que começar a história com as flechas dos indígenas americanos, em vez da chegada dos britânicos, resulta em uma narrativa totalmente diferente. Pode-se usar esse aporte metodológico para mostrar como alteração do ponto de partida pode desconstruir preconceitos, racismos e revelar outras pistas de compreensão sobre um povo ou evento, pode promover um ensino descolonizador abrindo espaço para um “equilíbrio de histórias”.

Chinua Achebe, citado por Chimamanda Ngozi Adichie (apud Adichie, 2019) pontua que o "equilíbrio das histórias" é fundamental; a história única da África como um lugar de catástrofes, guerras e pobreza é alimentada por uma tradição literária ocidental e racista. Do modo como a descoberta de escritores africanos elucidou que Adichie não tivesse uma visão limitada sobre a literatura, o uso de autores e perspectivas diversas no currículo escolar permite que os estudantes reconheçam humanidade comum e a riqueza de diferentes culturas. A colega de quarto de Adichie citada na obra, por exemplo, possuía uma "postura preestabelecida" que a impedia de ver Adichie como ela realmente era.

O ensino deve focar na humanização, na diversidade, no combate ao epistemicídio, produtor do racismo que “segue sendo – com a marca da violência e da desumanização – o principal elemento estruturador do sistema de desigualdades que organiza a sociedade brasileira” (Ibirapitanga; Schucman, 2023, p. 9). Isso significa questionar visões, apresentar a África como realmente é, para além das suas dores, suas riquezas, inovação, luta e cotidiano, como os “nigerianos que empreendem, escrevem e contestam leis” (Adichie, 2019, p.7).

Finalmente, o aporte metodológico do texto pauta-se na função social da narrativa. Se as histórias foram usadas para “espoliar e caluniar”, elas também podem e devem ser usadas para “empoderar e humanizar”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra “O perigo de uma história única” se apresenta como potente aporte metodológico para a Sociologia na educação básica, por privilegiar a análise reflexiva do poder

narrativo, a busca ativa de vozes diversas e ensinar que nenhum povo ou cultura pode ser reduzido a uma única “visão” ou estereótipo, elucidando que os alunos problematizem perspectivas e desenvolvam uma visão de mundo mais rica e menos preconceituosa.

Consideramos, assim, a importância das produções contra-hegemônicas, como a obra analisada, para o processo de descolonização do ensino de Sociologia escolar, para romper com pressupostos eurocêntricos na produção do saber, desconstruir e reconstruir saberes pela perspectiva da valorização das existências e das diferenças culturais.

5 REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen. 2019.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade e currículo. In: **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo; organização do documento** Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 17-47.

GOMES, Nilma Lino. **O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil. Revista de Filosofia Aurora, vol. 33, no. 59, 2021. p. 435-450.

IBIRAPITANGA; SCHUCMAN, Lia Vainer. **Branquitude: diálogos sobre racismo e antirracismo**. 1 ed. São Paulo: Fósforo, 2023.

MIGNOLO, Walter D. Os esplendores e as misérias da “Ciência”: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Editora Cortez, 2004. p. 667-709.

MIGNOLO, Walter D. **A opção descolonial e o significado de identidade em política**. Cadernos de Letras da UFF. Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 287-324, 2008.

MORAES, Amaury César (coord). **Sociologia: ensino médio**. Coleção Explorando o Ensino; v. 15. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (orgs). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina. 2009. p. 23-73.